



Nilvo Silva

Um
**engarrafamento
elétrico**

e outras histórias do clima

ilustrações: Martina Schreiner



Sumário

Um engarrafamento elétrico	5
Meu pai é vegetariano	13
Se construimos, podemos reconstruir	21
Estradas invisíveis	27
O bosque e o futuro	33
Minha mãe não gosta de carros	41
O museu	47
Plano X	55
A bola de fogo	63
A pergunta certa	71
Palavras do autor e da ilustradora	78

Um
engarrafamento
elétrico



Minha cabeça é uma fábrica de perguntas. Mas perguntar não quer dizer que você tenha que achar uma resposta. Perguntar é uma coisa que não se controla. É uma forma de liberdade. Às vezes, perguntar traz respostas, às vezes, traz mais perguntas.

Na sexta, quando voltei da escola, havia um jornal aberto em cima da mesa da cozinha que trazia a notícia: “Táxis aéreos movidos a eletricidade vão fazer sua estreia em São Paulo”. Lá estava a notícia. Um meio de transporte aéreo e elétrico para São Paulo. Sem engarrafamento e sem poluição. Lá em cima. E fiquei pensando: “Se todos nós voarmos sobre a cidade, de Pinheiros para a Freguesia do Ó, da Brasilândia para os Jardins, de Paraisópolis para a Paulista, de Jabaquara para Capão Redondo... Que maravilha! Todo mundo voando sobre São Paulo”. Parece a resposta perfeita, mas ela me deixou cheio de perguntas.

Fiquei pensando naquilo a tarde toda. De onde viriam esses táxis aéreos elétricos? De onde viria a eletricidade para abastecer esses táxis elétricos voadores? Quantas pessoas caberiam em cada um deles? E as paradas? Como seriam? E a passagem? Quanto custaria? A gente vai poder viajar em pé? Eu poderia entrar com a minha bicicleta? Como ficaria o céu de São Paulo com milhares de táxis aéreos circulando para lá e para cá? E lá embaixo? Os carros seriam também elétricos?

Você já deve ter visto na televisão. São Paulo é a cidade mais congestionada do Brasil. A grande metrópole brasileira. Uma cidade muito rica e muito pobre ao mesmo tempo. Imagine. Uma única cidade com mais de 12 milhões de pessoas. E onde há mais de um veículo para cada 2 habitantes na cidade. Em que a soma dos engarrafamentos chega a centenas de quilômetros em certos dias. Onde os combustíveis queimados pelos carros e caminhões poluem o ar e formam uma camada de gases visível acima da cidade.



Eu li em algum lugar. Não há nada positivo na poluição. Esses gases entram no nosso corpo. Não conseguimos viver sem respirar. Uma parte da poluição vai acumulando dentro da gente. Milhões de pessoas adoecem ou morrem prematuramente no mundo por causa da poluição do ar. E outra parte desses gases se acumula na atmosfera e se soma aos gases de tantas outras cidades mundo afora para aquecer o planeta e mudar o clima.

No jantar, conversei sobre isso com a minha mãe. O jantar estava uma delícia: arroz, feijão, brócolis, cogumelos e salada verde. Minha mãe sabe muito do mundo e é ela quem cuida dos temperos na horta da comunidade. Ela trabalha numa cooperativa de ressuscitação de coisas que morreram: roupas, móveis, bicicletas, eletrônicos, mas também trabalha com coisas antigas. Coisas que foram feitas para durar. Ela tem uma banca na feira da Benedito Calixto aos sábados. Lá em Pinheiros. Ela adora tecnologia e coisas novas, mas odeia a ideia de fazer intencionalmente produtos que durem pouco. Ela acha uma sacanagem com as pessoas e com o planeta. Eu também penso assim. Por isso eu adoro meu velho iPhone 7, que já foi ressuscitado muitas vezes. Eu acho tão moderno ter um smartphone velho.

Meu pai já morreu. Ele trabalhou na Dinamarca como pintor. Numa das suas viagens ele me trouxe esse iPhone que ele comprou usado de uma loja chamada “Eletrônicos Pré-Amados”. A minha mãe é uma especialista em pré-amados. Em dar uma nova chance para antigos amores. Uma profissão muito importante. Uma profissão do futuro.

Ela não gosta de falar muito. Quem fala muito se enrola, ela diz. Entre uma garfada e outra, disse que as minhas perguntas faziam muito sentido. Ela é direta, e me disse: “A ideia é bonita, mas um táxi aéreo



elétrico não parece uma solução para os problemas da cidade. O que você acha? Parece a resposta perfeita para os poucos que podem pagar e querem fugir dos engarrafamentos”. Fiquei em silêncio me perguntando.

Naquela noite, sonhei que estava dentro de um táxi desses sobrevoando São Paulo. O céu estava azul e limpo. Eu era a única criança. As pessoas estavam todas bem vestidas. Um homem yanomami veio sentar do meu lado e me abraçou como para me proteger. Descemos no final da linha por um escorregador até a calçada na Rebouças com a Faria Lima. A cidade estava completamente engarrafada. Em silêncio e sem fumaça. Um homem de cabelo branco abriu a porta do seu carro, saiu gritando e arrebentou seu notebook no asfalto. Caminhou em nossa direção, e, quando ele abriu a boca pra nos dizer algo, eu acordei. Mais curioso do que assustado.

No café da manhã, entre a torrada e o copo de leite, falei pra minha mãe que um veículo elétrico voador poderia ser uma boa ideia para os serviços de emergência. Para quem realmente precisa fugir dos engarrafamentos enquanto a gente não muda a cidade.



O SUS deveria ter muitos deles para poder nos salvar. Ela me olhou com um sorriso que queria dizer que ela sabe que eu sempre procuro um motivo para justificar que tudo exista e tenha um lugar no mundo.

Peguei a bicicleta. Fui para o colégio pedalando e pensando. A pergunta que me ocorreu foi: “Por que é tão difícil ver uma manchete no jornal que fale de uma resposta para os milhões de pessoas que se transportam todos os dias na cidade? Uma resposta capaz de limpar o ar que respiramos e proteger o clima que nos protege. Por quê?”



O bosque e o
futuro



Eu estudo em uma escola pública em Porto Alegre. No sul do Brasil. A escola é simples. Nem sempre tem tudo que precisa. Não gosto de todas as aulas e me aborreço com facilidade, mas adoro reencontrar a minha turma todos os dias. E as outras turmas. E os professores. E as pessoas que trabalham na escola. É o mundo onde eu vivo uma boa parte do tempo, e me sinto acolhido ali.

O pátio da escola é pequeno e quase todo cimentado. A escola já nasceu assim faz uns trinta anos. Nos fundos da escola tem um pequeno bosque dentro de um daqueles enormes estacionamento de supermercado. E é sobre este bosque que eu quero falar.

Pra mim a pequena floresta foi sempre a parte mais legal da escola. Houve um tempo em que ninguém respeitava o “mato”. As pessoas até jogavam lixo ali e o lugar dava medo. Imagino que as pessoas deviam até se perguntar por que o bosque não havia virado estacionamento. Como se estacionamento fosse melhor ou mais útil que um bosque. Eu, ao contrário, imagino como este lugar deveria ter sido antes do estacionamento e do supermercado. Uma coisa eu posso garantir pra vocês: uma floresta demora muito mais para ser construída do que um estacionamento.

Com o tempo, começamos a frequentar o bosque e a cuidar dele. Na verdade, retribuir o cuidado que ele tinha com a gente. A sombra e o frescor que ele nos dava. Você sabe que os porto-alegrenses apelidaram a cidade de “forno alegre”?

A escola e os alunos se mobilizaram para limpá-lo. Retiramos o lixo e escrevemos pedidos para que as pessoas respeitassem o lugar. A nossa presença, mais do que qualquer coisa, transformou o bosque. Até as pessoas que eventualmente passavam a noite ali cuidavam para deixar o lugar como no dia anterior. Construímos brinquedos, balanços, pequenos bancos de árvores caídas. As árvores que não tínhamos nas nossas ruas e que não tínhamos no pátio da escola, tínhamos ali.

E foi por isso que ficamos tão revoltados quando cercaram a floresta com uma fita amarela. Obviamente não era um bom sinal. Será que tinha acontecido algo lá no meio? Mas não havia polícia. Na verdade, não havia ninguém. Apenas a fita isolando o bosque da escola. Como se você acordasse e houvesse uma fita separando seu quarto do restante da casa. Não conseguimos estudar naquele dia e só descansamos quando nosso professor de biologia aceitou ir falar com o pessoal do supermercado para saber o que estava acontecendo.

Adivinhe se você for capaz.

O supermercado estava planejando destruir o bosque para ampliar o estacionamento! Na verdade, eles disseram que era para “modernizar” o estacionamento. Você consegue ver algo moderno em destruir uma floresta e colocar asfalto em cima? Pois é. Este era o plano. A diferença é que eles estavam planejando reservar esta nova área para carros elétricos. Haveria

tomadas para que os carros ficassem carregando enquanto as pessoas faziam as compras. Então, o bosque seria transformado em um estacionamento para carros elétricos. “Precisamos fazer algo sobre as mudanças climáticas”, disse o gerente do supermercado. “Faz parte do compromisso da nossa empresa.” E, de fato, já havia uma placa enorme que dizia: “Uma empresa que se preocupa com o planeta”.

Ninguém procurou a escola. Muito menos conversou com a gente. Quem se preocupa de verdade com o futuro se preocupa com as crianças. Você acha verdadeiro falar de futuro e ignorar as crianças?

Foi aí que decidimos não sermos mais ignorados. No dia seguinte, não fomos à aula. Simplesmente sentamos no estacionamento. Em frente ao bosque. O nosso professor de biologia nos ajudou a fazer contato com uma ONG importante da cidade. E em dois ou três dias vários estudantes universitários nos ajudaram a mapear as árvores do bosque. Ele era um remanescente de uma verdadeira floresta. Lá havia árvores nativas da região como a pitangueira, a cerejeira-do-mato, a capororoca, a corticeira-do-banhado e a figueira-de-folha-miúda. E muitos pássaros que se alimentavam dos seus frutos: sabiá, sanhaço, bem-te-vi e tico-tico.



E a imprensa não demorou a chegar. E começaram por nos perguntar por que éramos contra o progresso. Discutimos muito sobre isso na escola. E em casa também. E descobrimos que o que era óbvio pra nós não era tão óbvio assim para muitas pessoas. Como era possível ver progresso na destruição de um pequeno bosque nativo para a ampliação de um estacionamento que já era enorme? Como era possível dizer que isso era preocupação com o planeta e com o clima?

A nossa revolta só aumentava. Estudamos mais e pesquisamos mais. Nos fortalecemos. E nunca deixamos a obra começar. Quase nos mudamos para o estacionamento do supermercado. Explicamos para as pessoas e fizemos cartazes mostrando que destruir bosques é desproteger contra as mudanças do clima. Que na verdade era um absurdo um estacionamento daquele tamanho, todo asfaltado e sem árvores. Ele aquecia a cidade e causava alagamentos. Se o supermercado se preocupasse mesmo com o futuro do planeta, ele deveria plantar árvores no estacionamento e ajudar o nosso trabalho de proteger o bosque. Deveria aumentar o bosque.



E assim se passaram dois meses que alternaram confrontos e diálogo. Não chegamos a uma solução para o planeta. Nem sequer para a cidade. Mas fomos ouvidos, e o bosque foi salvo. Além disso, a Prefeitura e o supermercado acordaram em remover parte do asfalto e construir corredores de árvores ao longo de todo o estacionamento. E vai ter uma área com tomadas para os carros elétricos.

Quando eu concluir a escola, as árvores ainda estarão pequenas. E quem sabe até lá o transporte público também seja visto como mais importante que os carros e estacionamentos? Talvez eu não veja tudo isso, mas pensar no futuro é assim. É agir agora e não ignorar quem ainda está por vir. Pensar em um tempo em que talvez não estejamos mais aqui.

Não sei se os pássaros pensam no futuro, mas é bom saber que os sabiás, sanhaços, bem-te-vis e tico-ticos vão continuar comendo os frutos do bosque, engolindo as sementes e espalhando mudas pela cidade.



A bola
de fogo



A bola de fogo desceu do céu no meio da noite e acertou a cerca de arame. Ela ficou faiscando em volta do pátio como se a cerca estivesse em curto-circuito. O barulho não era de fogo. Era de um inseto batendo asas. A minha mãe veio correndo dando chineladas no ar. Tentando derrubar a bola de fogo. Eu acordei suada com o barulho do despertador. Eram cinco horas da manhã e sequer deu tempo para pensar no sonho.

Hoje é dia de ir com minha mãe para o trabalho. Estou levando meu material da escola. Comemos algo rápido e fomos a pé para a parada do ônibus. Chegou lotado e a gente foi se espremendo, quase diminuindo até achar um lugar onde pudéssemos parar em pé. Todo mundo tão perto uns dos outros e cada um no seu pensamento. Ou melhor, no seu smartphone. Ou será que estão todos lendo a mesma notícia? Assistindo à mesma propaganda? Os mesmos vídeos no TikTok?

Mais um ônibus e uma hora e meia depois chegamos à casa onde a minha mãe trabalha nas quintas. Entramos pela porta dos fundos. Minha mãe vestiu o avental e eu espalhei meus livros numa pequena mesa no canto da cozinha. Há dois empregados permanentes na casa, e eles são sempre muito gentis com a gente.

Há uma televisão sempre ligada na cozinha e eu tenho um problema com telas. Na verdade, um problema de concentração. Ou de hipnose. Então, parte da manhã foi uma luta entre as coisas da escola que precisava fazer e a TV ligada. Guerras, desastres, desemprego, pandemia, chacinas, um paraíso tropical, propaganda de automóvel, futebol. Ufa. Futebol. Imagens. Como se concentrar? A minha mãe sabe do meu problema com telas. Por isso ela só me empresta o smartphone depois que eu termino meus estudos do dia.

Nesta quinta há muitas imagens sobre as mudanças climáticas e sobre a conferência mundial sobre o clima acontecendo na Europa. Eles dizem que é a nossa última chance de salvar o planeta. Pelo que entendi, a coisa toda é baseada em promessas. Promessas de redução de gases do efeito estufa, de redução do desmatamento, de ajuda aos países pobres... Aí aparece aquela ativista sueca, a Greta, e diz que é tudo um monte de blá-blá-blá. E ao fundo uma multidão de jovens protestando. Eles dizem que estão cansados de promessas.



Uma reportagem me chamou atenção. Um grupo de jovens brasileiros lançou um manifesto pela educação climática no ensino básico no Brasil . Lançou lá nessa conferência. De fato, não tenho nada sobre mudanças climáticas no meu material da escola. A gente vê as imagens passando e se repetindo e vai achando que o mundo é assim mesmo. O cara da TV leu um trecho do manifesto que depois eu chequei na internet:

Mesmo com alunos e professores vivendo consequências das mudanças climáticas no dia a dia – enchentes, deslizamentos, falta de água e de luz, ondas de calor –, o tema ainda é abordado de maneira superficial e desatualizada. Não somos ensinados a nos tornarmos agentes de mudança desde já, sendo que nossas ações e nossas vozes impactam a realidade e podem transformar positivamente o mundo.



Fiquei pensando nisso. Se as mudanças climáticas estão mudando nossas vidas e vão fazer parte do nosso futuro, por que mesmo não estamos discutindo isso seriamente na escola? Por que eu tenho tão pouca informação sobre algo tão importante?

Meu pensamento foi quebrado pela propaganda de um carro elétrico. Depois pela de um novo smartphone. Depois pela redução dos cuidados com a pandemia e pela retomada do turismo internacional. Depois pelas férias daquele casal famoso e sorridente no Caribe. Quando me dei conta, minha mãe estava parada bem na minha frente. Me olhando com uma cara de quem me conhece. Ela me disse que sairíamos um pouco mais cedo. Antes da hora do pico. Quem sabe conseguiríamos voltar para casa sentadas no ônibus. Quem sabe até na janelinha?





Em pé, espremida no ônibus lotado, ainda dava para olhar pela janela. Sorri pensando que esse monte de gente estava aqui dentro enlatado e os carros estavam lá fora engarrafados. Pensei no carro elétrico da televisão. Afinal, carro elétrico também engarrafa?

Duas horas e mais um ônibus depois chegamos em casa. Dezenove horas. Ajudei minha mãe a preparar os legumes e a massa. Falei para minha mãe do manifesto dos jovens. Ela também achou que fazia todo o sentido.

Amanhã é sexta. No sábado a mãe só trabalha até as três da tarde. E com o cansaço e os pensamentos bons fui adormecendo devagarzinho.

A bola de fogo voava em zigue-zague com aquele barulho estranho de inseto quando minha mãe deu um pulo olímpico e acertou uma chinelada de cima para baixo nela. Nocaute!



Nilvo Silva

Trabalho há mais de 30 anos com meio ambiente e sociedade. Comecei na Secretaria de Meio Ambiente de Porto Alegre, presidi a Fundação de Proteção Ambiental do Rio Grande do Sul por duas vezes, dirigi a área de licenciamento ambiental do IBAMA e trabalhei no Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UN Meio Ambiente) no Quênia. Mais recentemente tenho trabalhado como consultor nas áreas de sustentabilidade, direitos humanos, desastres e mudanças climáticas. Sou engenheiro químico, tenho mestrado em Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Desenvolvimento Sustentável pela University College London (UCL).

Sou bastante preocupado com o futuro e estou convencido da necessidade de mudarmos o rumo da humanidade. Para melhor. Protegendo mais as pessoas, as vidas não humanas e o planeta Terra.

Escrevi este livro pensando que olhar para as mudanças climáticas é estar preparado e disposto para fazer todo tipo de perguntas. No momento, há mais perguntas que respostas. As mudanças climáticas são um fato, as respostas que faltam dizem mais respeito ao que a humanidade vai fazer para enfrentá-las, para se proteger e para cuidar melhor do planeta Terra.

Acima de qualquer coisa, este livro traz as mudanças climáticas para o cotidiano e para a nossa imaginação. O cotidiano das escolhas e das possibilidades de mudança, das dúvidas, dos olhares críticos, das contradições, das atitudes de cuidado uns com os outros e com a vida não humana.

Eu espero que a leitura do *Um engarrafamento elétrico e outras histórias do clima* gere discussões construtivas, boas perguntas, algumas respostas e estimule a ação. Porque o futuro se modifica agora.



Martina Schreiner

Sempre achei que desenhar fosse só divertido. Quando cresci, descobri que desenhar também pode ser um trabalho. Então estudei desenho industrial e acabei virando ilustradora.

Também sempre fui muito curiosa, e perguntadeira. E ilustrar um livro é se questionar sobre a própria compreensão do texto, seus possíveis significados, é interpretar e se perguntar o tempo todo. E é, também, não conhecer as respostas corretas, mas descobrir respostas possíveis.

Para ilustrar esse livro fiz colagens digitais a partir de fotografias e desenhos. Essa mistura foi a forma que eu encontrei de representar a nossa realidade: as mudanças climáticas que já vivemos hoje misturadas com todas as dúvidas e incertezas do futuro que teremos pela frente, e todas respostas que teremos que encontrar para tantas perguntas.

